

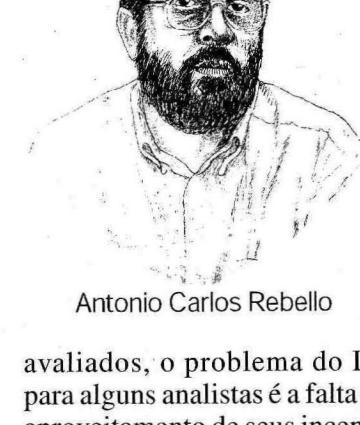
# DF perde competitividade apesar dos incentivos e bons índices sociais

Pesquisa mostra queda da sétima para a décima colocação em três anos

Rodrigo Bittar  
de Brasília

Uma pesquisa encomendada pela revista Amanhã à Simonsen e Associados, chamada Brasil 10, mostra que o Distrito Federal nos últimos três anos vem perdendo sucessivamente competitividade econômica. O estudo reúne uma lista de 98 indicadores de riqueza e infra-estrutura econômica e social de cada um dos 26 estados brasileiros mais o DF, que ficou em 10º lugar no ranking dos mais competitivos, com índice de 115,5. No ano passado, o DF ocupou a nona colocação (121,2) e em 1996, a sétima (96,2). Nesse período, perdeu posição para a Bahia (atualmente o 7º, com 125,6), Espírito Santo (8º, com 125,5) e Goiás (9º, com 125). Os números indicam, em percentual, o quanto cada estado ultrapassa ou fica abaixo da média nacional, considerada 100%.

Apesar de ser o *benchmark* (líder) brasileiro em vários itens



Antonio Carlos Rebello

avaliados, o problema do DF para alguns analistas é a falta de aproveitamento de seus incentivos fiscais. Mesmo tendo criado o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Econômico e Social do Distrito Federal (Pades) no ano passado, que permite financiamento de até 70% do ICMS gerado pelas indústrias beneficiárias, o próprio governo admite que o momento econômico brasileiro - com as altas taxas de juros cobradas e retração dos investimentos - não permitiu a alavancagem do

programa por conta das dificuldades para o empresariado conseguir empréstimos.

Essa opinião encontra eco no mercado privado. Lourival Dantas, presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), acredita que também falta uma maior divulgação do Pades nos outros estados. "Nós não tínhamos incentivos nenhum, agora que criamos o Pades, não conseguimos fazer sua divulgação. Mas ainda nos falta uma política de desenvolvimento da região. Além disso, temos que aproveitar o fato de o governo ser o principal dono de terras no DF, o que o diferencia dos estados", acredita.

Os itens liderados nacionalmente pelo DF são basicamente sociais, mas também mostram uma boa situação estrutural, levando-se em conta a característica inicial de Brasília, avessa à industrialização. É daí o melhor Produto Interno Bruto (PIB) per capita, US\$ 11,71 mil, contra US\$ 8,32 mil de São Paulo, o segundo colocado, e US\$ 5,12 mil da média brasileira (as fontes são o Banco Central e o Ipea - 1997).

É do DF também, segundo o IBGE, a menor taxa de analfabetismo da população com mais de 15 anos (6,3%), mesmo índice do estado do Rio de Janeiro, enquanto o Brasil tem 14,7%. A lista que avalia a quantidade de estradas pavimentadas, do Detran, também é encabeçada pelo DF, com 123,3 km de estradas para cada km<sup>2</sup>, muito acima da média nacional, de apenas 17 km pavimentado por km<sup>2</sup>. A Target mostra ainda que Brasília tem o maior potencial de consumo do país, com US\$ 5,35 mil anuais per capita. Quase o dobro de estados como Minas Gerais, com US\$ 2,79 mil. O mesmo instituto de pesquisa coloca a capital federal em quarto lugar entre os municípios com maior participação percentual no consumo total do Brasil, com 2%. Fica atrás apenas de São Paulo (11,38%), Rio de Janeiro (6,11%) e Belo Horizonte (2,01%). "A guerra fiscal repercute muito no crescimento da economia, mas não é tudo", considera Osvaldo Pacheco, técnico da Simonsen e Associados. "O empresariado leva em consideração várias coisas, como logística, estrutura, financiamentos".

O secretário da Indústria e Comércio do DF, Tom Rebello, questiona o levantamento da Simonsen e Associados citando outra pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) que coloca o DF entre as seis unidades federativas mais atraentes. "Uma coisa que tem que ser dita é que jamais poderão nos acusar de não ter criado incentivos, pois o Pades é um dos programas mais avançados do Brasil, e coloca o DF no mínimo empatado com os outros estados", considera.

Rebello lista também a localização estratégica da cidade, disponibilidade de terras, as áreas de expansão econômica que estão sendo criadas em cada cidade do DF, "aproximando as indústrias de sua mão-de-obra", como outros fatores positivos. (Cont. Pág. 7)

# DF perde competitividade apesar dos incentivos e bons índices sociais

Rodrigo Bittar  
de Brasília

(Continuação da Primeira Página)

“Brasília é competitiva, mas falta uma aceleração maior dos investimentos por causa das altas taxas de juros do mercado”, completa o secretário.

A Simonsen e Associados avalia que o DF teve US\$ 382 milhões anunciados como intenções de investimentos para este ano, ou 0,4% do total para o Brasil (US\$ 106,68 bilhões). Para Júlio Miragaya, coordenador de análise econômica da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), o DF não vem perdendo dinamismo frente aos demais estados. “Podemos ter perdido terreno na produção industrial, mas nosso potencial são os serviços, que serão incrementados com os vários investimentos que vêm sendo feitos, principalmente no Projeto Orla”, diz.

Miragaya também não considera os benefícios fiscais um

meio necessário para dinamizar a economia local. “Pelo contrário. Com os incentivos, perde-se arrecadação porque eles são um estrangulador fiscal. O mais importante é investir numa boa infra-estrutura econômica, boa rede viária e elétrica”, defende.

Outro diferencial favorável ao DF frente aos estados de fora da Região, na opinião do superintendente do Banco do Brasil, Paulo Roberto de Oliveira, são os financiamentos do Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO). “É mais um fomento para a região”, exalta. “Como todos têm procurado atrair empresas, a questão de infra-estrutura é fundamental. A cesta de facilidade (forma que Oliveira chama os benefícios fiscais) hoje pode se tornar comum em todos os estados e tem muita volatilidade. O Governo do DF tem mostrado interesse em melhorar sua situação com o Porto Seco, que vai melhorar ainda mais o escoamento da produção”, conclui.